

Assistência na atenção básica: uma percepção das profissionais do sexo¹

ITAMARA BARBOSA SOUZA²

Graduanda de Enfermagem, Faculdade Estácio de Alagoas
orcid.org/0000-0003-3906-7600 , Maceió (AL), Brasil

HULDA ALVES DE ARAÚJO TENÓRIO

Professora da Faculdade Estácio de Alagoas, Enfermeira
Mestre pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Especialista em Urgência e Emergência pela Universidade Estadual de Ciências da
Saúde de Alagoas (UNCISAL), <https://orcid.org/0000-0001-8225-0254>

Maceió (AL), Brasil

EVERALDO DE LIMA GOMES JUNIOR

Graduando de Enfermagem, Faculdade Estácio de Alagoas
<https://orcid.org/0000-0001-6221-5208>, Maceió (AL), Brasil

EMILLY SOUZA MARQUES

Professora do Centro Universitário CESMAC do Sertão, Enfermeira
Mestre pela Universidade Federal de Alagoas

Especialista em Saúde da Família pela

Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas

<https://orcid.org/0000-0001-6161-2981>, Maceió (AL), Brasil

AMANDA LOURENÇO DOS SANTOS

Enfermeira, Pós-graduanda em Enfermagem Obstétrica pela CEFFAP
<https://orcid.org/0000-0003-4995-659>, Maceió (AL), Brasil

PAULO CIRIACO FILHO

Enfermeiro, Especialista em Educação Permanente em Saúde pela
Faculdade Cândido Mendes, <https://orcid.org/0000-0002-3300-7909>, Maceió (AL), Brasil

RAÍSSA FERNANDA EVANGELISTA PIRES DOS SANTOS

Professora da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL)

Enfermeira, Mestre pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Pós-graduado em Administração em Saúde pela Universidade Federal de Alagoas
(UFAL), Maceió (AL), Brasil

THYARA MAIA BRANDÃO

Professora da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL)
Enfermeira, Mestre pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

¹ Assistance in primary care: a perception of sex workers

² Corresponding author: itamara28pa@hotmail.com

Itamara Barbosa Souza, Hulda Alves de Araújo Tenório, Everaldo de Lima Gomes Junior, Emilly Souza Marques, Amanda Lourenço dos Santos, Paulo Ciriaco Filho, Raíssa Fernanda Evangelista Pires dos Santos, Thyara Maia Brandão, Ewerton Amorim dos Santos, Esvaldo dos Santos Silva- **Assistência na atenção básica: uma percepção das profissionais do sexo**

Especialista em Saúde Mental e Psiquiatria pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), thyara.maia@hotmail.com, Maceió (AL), Brasil

EWERTON AMORIM DOS SANTOS

Mestre em Nutrição Humana pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Maceió (AL), Brasil

ESVALDO DOS SANTOS SILVA

Professor da Faculdade Estácio de Alagoas, Enfermeiro

Especialista em Enfermagem Cardiovascular pelo Centro Educacional Grupo Uninter
Especialista em Gerontologia pela Universidade Estadual de Ciências e Saúde de Alagoas (UNCISAL), Maceió (AL), Brasil

Abstract

Objective: To understand the perception of sex workers regarding the care offered in primary care. Methodology: This is a field study, descriptive and with a qualitative approach, carried out with sex professionals from the city of Coruripe -AL, the data collection was done through an interview with a semi-structured script and the analysis was made by content such as Bardin proposes. Results: Those surveyed confirmed that the negative stigma of their profession prevails in contemporary times, but demonstrated knowledge about biological, physical and psychological risks arising from professional activity. Conclusion: It is noticed that some health professionals do not seem to guarantee universal and equal access to all patients. Thus, the access of people in a situation of prostitution to health services is compromised, making these individuals susceptible to diseases and injuries inherent to the profession.

Keywords: Sex Workers, Health Care, Primary Health Care, Women's Health, Health Promotion.

Resumo

Objetivo: Compreender a percepção das profissionais do sexo diante dos cuidados ofertados na Atenção Básica. Metodologia: Trata-se de um estudo de campo, descritivo e de abordagem qualitativa, realizado com profissionais do sexo da cidade de Coruripe -AL, a coleta de dados de deu através de uma entrevista com roteiro semiestruturado e a análise foi feita por conteúdo como propões Bardin. Resultados: As pesquisadas confirmaram que o estigma negativo da profissão prevalece

Itamara Barbosa Souza, Hulda Alves de Araújo Tenório, Everaldo de Lima Gomes Junior, Emilly Souza Marques, Amanda Lourenço dos Santos, Paulo Ciriaco Filho, Raíssa Fernanda Evangelista Pires dos Santos, Thyara Maia Brandão, Ewerton Amorim dos Santos, Esvaldo dos Santos Silva- **Assistência na atenção básica: uma percepção das profissionais do sexo**

nos tempos contemporâneos, porém as profissionais do sexo demonstraram conhecimento sobre os riscos biológicos, físicos e psíquicos oriundos da atividade profissional. Conclusão: Percebe-se que alguns profissionais de saúde parecem não garantir o acesso universal e igualitário a todos pacientes. Dessa forma, o acesso de pessoas em situação de prostituição aos serviços de saúde fica comprometido, ficando estes indivíduos susceptíveis a doenças e agravos inerentes a profissão.

Descritores: Profissionais do Sexo, Assistência à Saúde, Atenção Primária à Saúde, Saúde da Mulher, Promoção da Saúde.

INTRODUÇÃO

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) entende que a prostituição é tida como uma “troca de sexo por dinheiro, sem vínculo afetivo entre aqueles que a realizam”. Essa relação é vista pelo MTE como um trabalho voltado para a oferta de pagamentos em troca de serviços, e pessoas que vivem de tal proposta são classificadas como profissionais do sexo (Penha et al. 2015).

Deve-se salientar, nesse contexto, que a maior parte dessas mulheres é de baixa renda e encontram-se expostas às condições nocivas e precárias de vida e de trabalho, capazes de comprometer sua saúde. Assim, cabe ao Sistema Único de Saúde (SUS) dar assistência à saúde de tais profissionais, visto ser regido por princípios e diretrizes como a universalidade e a integralidade que garantem acesso justo, humano e igualitário para todos (Villa et al. 2016).

Por muito tempo a mulher se permitiu, por definição ser reprodutora e cuidadora do lar, cabendo ao homem à responsabilidade do sustento da família e, portanto, a realização do trabalho fora do ambiente doméstico (Aquino et al. 2010).

Contudo, devido às várias situações socioeconômicas influenciadas pelo capitalismo que nortearam a população no século XX, a falta de emprego, o aumento de doenças e as péssimas condições de vida que se alastraram no mundo, as mulheres tiveram que deixar

seus lares em busca de meios que subsidiassem sua melhor condição de vida. Com a baixa escolaridade, a falta de experiências e de oportunidades, elas não tinham outra escolha a não ser vender seu corpo em busca de recompensas (Araújo et al. 2014).

Na contemporaneidade, outros fatores também podem influenciar ao universo feminino a praticar atividade sexual com a finalidade de aquisição monetária, dentre os aspectos encontram-se como principais: o fato de ser mãe solteira, a ausência de apoio familiar, traumas, violência sexual, psicológica ou doméstica. Frente a essa realidade, muitas delas se expõem à profissão sem nenhuma experiência e com conhecimento limitado aos riscos e as vulnerabilidades a que estão expostas (Reis et al. 2014).

É possível perceber, que o contexto social brasileiro contribui para a atividade profissional em foco, onde a grande maioria da população vive em situação de miséria, com escassas oportunidades de emprego, falta de formação e carência de conhecimento. Então, as profissões que necessitam de baixa ou nenhuma qualificação educacional tem sido o meio de subsistência para alguns sujeitos. Intensificando tal contexto, os públicos femininos acabam vivendo em condições pouco valorizadas e ganhando menos que os homens, portanto, vêm-se tentadas a buscarem meios mais lucrativos de vida, dentre eles a prostituição (Leitão et al. 2012; Burbulhan et al. 2012).

A prática de sexo por profissão condiciona tais pessoas a estarem em comportamentos de riscos e com maior possibilidade de adoecimentos. Dentre as principais vulnerabilidades são citados: risco de câncer uterino; a violência física e moral; o uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas; e as doenças sexualmente transmissíveis, que se justifica pelo grande número de parceiros sexuais e de prática do sexo sem segurança (Santos et al. 2008; Passos e Figueiredo 2004; Cruz et al. 2016).

Diante disso, o SUS é um sistema de saúde capaz de atender a todos, a partir de todas as necessidades devendo garantir a promoção, proteção e recuperação da saúde, tendo na Atenção Básica (AB) como a principal porta de entrada para esses usuários, já que envolve ações de aspectos individuais, em que diagnósticos e intervenções iniciais deverão ser efetivados. Nesse ambiente, mas também, é gerado o

vínculo entre os sujeitos e desses ao sistema de saúde, já que é um direito social (Backess et al. 2016).

Entretanto, mesmo diante de políticas de inclusão voltadas a população marginalizada, muitas profissionais do sexo tentam cuidar de sua saúde sem instruções apropriadas, o que pode dificultar a prática do autocuidado. Nesta perspectiva, estão suscetíveis a infecções sexualmente transmissíveis (IST's) (Aquino et al. 2010; Penha et al. 2012).

Cabe ressaltar que a não apropriação da condição de promoção à saúde por parte destes sujeitos pode estar envolvida com a falta de vínculo ou a exclusão dos profissionais de saúde diante destes usuários. Sendo assim, surgiu a seguinte questão norteadora: qual a percepção das profissionais do sexo sobre a assistência prestada na AB?

Para responder tal pergunta o estudo teve como objetivo geral compreender a percepção das profissionais do sexo sobre o cuidado prestado na AB.

Esse estudo justificou-se, pois, a partir dos sentimentos enfatizados pelas profissionais do sexo sobre os cuidados realizados, talvez seja possível perceber se existe vínculo, e caso as relações interpessoais e o acesso ao cuidado esteja fragilizado, seja possível criar ferramentas que aproximem essas pessoas a garantia de um cuidar mais eficaz. Espera-se, não obstante, que haja um olhar mais holístico e de responsabilidade social equânime, com ações mais direcionadas a realidade dessas profissionais do sexo, permitindo um acesso mais fácil e menos limitado com uma assistência livre de julgamentos pessoais.

Metodologia

Trata-se de um estudo de campo, descritivo e de abordagem qualitativa, realizada no centro de Coruripe – Alagoas (AL), localizado na Rua José Carvalho de Souza S/N, no ano de 2018.

Utilizou-se como critério de inclusão mulheres profissionais do sexo feminino, com idade entre 18 a 45 anos com mais de 1 ano de profissão. Já como critério de exclusão mulheres que estivessem em uso de substâncias psicoativas no momento da entrevista ou sobre efeito de

álcool e que apresentassem um comportamento agressivo capaz de comprometer a integridade física e psicológica dos pesquisadores.

Fizeram parte da pesquisa 13 mulheres, onde foi atribuído a elas o nome “Profissional” seguido com os algarismos romanos, correspondendo à ordem em que foram entrevistadas. Utilizou-se como instrumento da coleta de dados uma entrevista, baseado em um roteiro semiestruturado, seguindo como base qual seria a percepção dessas profissionais do sexo frente ao cuidar do enfermeiro na AB.

Assim, a amostra foi não probabilística por conveniência utilizando a saturação dos dados como critério para finalização das entrevistas.

A fim de respeitar os direitos das participantes da pesquisa, o estudo foi submetido ao Comitê de ética em Pesquisa da Faculdade Estácio de Alagoas e aprovado sob parecer nº. 2. 617.115 e CAAE: 85828218.3.0000.5012.

Resultados

A estratégia planejada foi a de instaurar um espaço de discussão e reflexão sobre as profissionais do sexo e assuntos relacionados. Sugeriu-se o enquadre desse grupo de profissionais para que as mesmas expressassem sua realidade, buscando produzir uma compreensão sobre sua atividade de trabalho e as repercussões sobre as relações com o serviço de saúde da AB .

As entrevistadas seguiram um roteiro de entrevista que nortearam as falas na descrição das relações entre a profissional do sexo, seu acesso à AB de saúde, e os cuidados prestados neste serviço. Além disso, houve uma breve caracterização descritiva e sóciodemográfica dessas mulheres quanto sua idade, estado civil, escolaridade, renda mensal e números de filhos, como mostra a Tabela 1.

Itamara Barbosa Souza, Hulda Alves de Araújo Tenório, Everaldo de Lima Gomes Junior, Emilly Souza Marques, Amanda Lourenço dos Santos, Paulo Ciriaco Filho, Raíssa Fernanda Evangelista Pires dos Santos, Thyara Maia Brandão, Ewerton Amorim dos Santos, Esvaldo dos Santos Silva- **Assistência na atenção básica: uma percepção das profissionais do sexo**

Tabela 1 - Descrição da caracterização dos sujeitos da Pesquisa, Coruripe, AL, Brasil, 2018.

| Profissional | Idade | Estado civil | Escolaridade | Renda | Nº Filhos |
|--------------|-------|--------------|--------------------|-----------|-----------|
| I | 35 | solteira | ensino fundamental | R\$ 1.200 | 2 |
| II | 43 | casada | ensino médio | R\$ 1.500 | 1 |
| III | 47 | solteira | ensino fundamental | R\$ 1.300 | 3 |
| IV | 26 | solteira | ensino fundamental | R\$ 1.500 | 0 |
| V | 36 | solteira | ensino fundamental | R\$ 1.500 | 1 |
| VI | 19 | solteira | ensino fundamental | R\$ 1.500 | 0 |
| VII | 19 | casada | ensino fundamental | R\$ 2.000 | 1 |
| VIII | 32 | solteira | ensino fundamental | R\$ 3.000 | 2 |
| IX | 30 | solteira | ensino médio | R\$ 2.000 | 1 |
| X | 29 | solteira | ensino médio | R\$ 2.000 | 2 |
| XI | 31 | solteira | ensino médio | R\$ 1.700 | 0 |
| XII | 30 | solteira | ensino médio | R\$ 2.000 | 1 |
| XIII | 35 | solteira | ensino médio | R\$ 2.000 | 3 |

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Discussão

A prostituição mesmo sendo uma profissão milenar traz assuntos recentes, dentre eles a tentativa de enquadrar pessoas que trabalham neste cenário, no campo da garantia de seus direitos, devendo ser protegidos e assistidos de acordo com as políticas sociais do país. Apesar disso, os dilemas que permeiam a profissão, repercutem inclusive no âmbito familiar gerando desconforto e vergonha para quem se prostitui e para seus entes mais próximos, como descritos nas falas a seguir: *Falo normalmente com meus familiares, meus pais sabem da profissão, mas não concordam, os meus filhos não sabem que trabalho aqui* (Profissional I). *No começo meus pais não sabiam, e quando souberam não aceitaram. Hoje só não falam mais porque sou a dona do bar. Os filhos também não aceitavam* (Profissional II).

Observou-se por meio das falas que há um grande receio da descoberta da sua profissão pelos familiares, particularmente os filhos, porque tal fato ocasionaria vergonha, dor e influenciaria no estabelecimento de confiança entre eles. Essa realidade vem do estigma de que as prostitutas praticam um comportamento desviante, por não se encaixarem numa identidade feminina socialmente construída, baseada na ideia de esposa-mãe-dona-de-casa. Acrescentar a venda de sexo como produto de seu trabalho, implicaria em repercussões

negativas nos relacionamentos sociais (Moura et al. 2009; Aquino et al. 2011; Oliveira et al. 2006).

Existe a ideia de que o comportamento dessas mulheres é promíscuo, já que em sua rotina, realizam algo entendido como imoral. O fato de ter relações com inúmeros homens em troca de dinheiro e de dissociar o sexo de um sentimento amoroso, de uma relação construída com base em um conhecimento mútuo e na confiança entre as partes, constituem aspectos rejeitáveis para os padrões da maioria das sociedades (Reis et al. 2014).

Outro aspecto importante foi à associação da profissão com os riscos referentes a agravos oriundos da contaminação biológica por determinados agentes infecciosos transmitidos durante o ato sexual ou até antes da efetivação do ato. Diante desta preocupação, nas falas, a maioria delas refere-se proteger durante os encontros, sendo a camisinha masculina o método mais utilizado. *Uso sempre camisinha, conheço as doenças e tenho que me prevenir para não adoecer e as vezes eles foçam para a camisinha estourar* (Profissional VII). *Sempre uso camisinha, se o cara não quiser usar, saio!* (Profissional XII).

Percebe-se, desse modo, que as profissionais estão informadas sobre alguns riscos em ter relações sexuais desprotegidas, bem como sobre a gravidade das doenças que alguns patógenos podem causar. Porém, um dado importante, foi à observação sobre seus clientes, que não compreendem a necessidade do uso do preservativo, sendo muitas vezes resistentes a utilização deles. A sugestão do não uso do preservativo é motivo de cancelamento do programa para a maioria dessas mulheres. *Em relação aos perigos que existem nessa profissão, é a rejeição dos homens em usar camisinha, de fura, ou até de tirar* (Profissional V). *Sim, a maioria dos homens não querem usar. Tem que ficar olhando, eles gostam de tirar a camisinha* (Profissional X).

A recusa dos clientes a prevenção parece ser um fator de risco para ISTs e AIDS. Uma pesquisa realizada em Florianópolis, também com mulheres em situação de prostituição, relevou que as profissionais relacionaram a infecção por HIV com a prática sexual realizada sem preservativo e como conclusão do estudo os autores especificaram dois motivos que tornam a profissão de fazer sexo por dinheiro arriscada: a falha do preservativo (seu rompimento) e o descumprimento do acordo

estabelecido para o programa por parte de alguns clientes (a retirada do preservativo durante a relação sexual) (Oltamari e Camargo 2004).

Vale ressaltar também que o processo de negociação anterior ao programa e o uso do preservativo podem ser comprometidos, visto algumas mulheres estarem sob o efeito de drogas lícitas ou ilícitas, diminuído o julgamento e sua autonomia diante de decisões mais sensatas (Villa et al.2016) .

Sobre este aspecto, algumas das prostitutas em questão apontaram para o vício e uso rotineiro de drogas e álcool. Como demonstram as falas a seguir:

Eu tenho vício no álcool e no cigarro, mas foi depois que entrei na profissão (Profissional IV). Bebo e fumo maconha (Profissional XI).

É imprescindível uma estratégia de prevenção para essas profissionais do sexo, na perspectiva de garantir a capacidade de decisão a partir da manutenção de sua sobriedade, sendo efetivada pela diminuição de substância psicoativas e pelas habilidades de conhecimento adquirido pela educação em saúde na tentativa de a tornarem multiplicadoras em saúde (Aqino et al. 2010).

Ainda sobre os riscos relativos à profissão em questão, estão os riscos de violências físicas e as psicológicas. Nestes aspectos estão inseridas as agressões corporais, desde agressões físicas até um sexo violento, e a verbal que pode ser executada por xingamentos e ameaças. Os relatos de algumas mulheres evidenciam exposições à violência. *O grande perigo da profissão são as brigas e tenho medo de mortes (Profissional VI). Os perigos na profissão acho que é os problemas na rua, como brigas e tragédias (Profissional III). Tem clientes que são agressivos (Profissional XI).*

Mesmo com a criação da Lei Maria da Penha que promoveu mudanças na esfera de apoio a mulheres que sofreram algum tipo de violência, por meio de juizados de violência doméstica e familiar, se faz necessário enfatizar, junto aos profissionais da saúde, um método e uma conduta mais humanizada diante dos casos de violência que envolve pessoas em condição de prostituição. Nesse sentido, é válido salientar o respeito à autonomia e discricção, sendo este fator primordial nesse tipo de assistência (Moreira et al. 2009; Ferreira et al. 2009).

Neste cenário, percebe-se a situação de vulnerabilidade que essas mulheres se encontram, sendo necessárias medidas que intensifiquem a proteção destas pessoas em todos campos de atenção a saúde. Ações preventivas, como a distribuição de camisinhas, bem como os exames de rotina deverão ser estimulados e realizados rotineiramente. Contudo, parece que tal realidade não é vigente para as profissionais em questão, onde nas falas é possível identificar a fragilidade dos cuidados em saúde para este público: *Estou a mais de um ano sem fazer exames, antes eu fazia mais vezes* (Profissional II). *Não vou com frequência à unidade básica, só quando estou necessitando mesmo* (Profissional III).

As demandas específicas da saúde das profissionais do sexo não se restringem ao desenvolvimento de habilidades para o uso do preservativo com clientes. Os demais aspectos da saúde sexual, reprodutiva e da saúde geral, deveriam ser considerados diante das condições de precariedade em que o trabalho sexual é exercido, isso implica na facilitação do acesso aos serviços de saúde. O horário de funcionamento das unidades, a rotina de vida e o temor de serem mal atendida, em função do estigma, afastam as prostitutas das unidades de saúde, fazendo com que apresentem risco aumentado para vários agravos (Neri et al. 2013).

Mesmo que a literatura aponte à necessidade de cuidados a saúde da mulher e a garantia do acesso universal, a maior dificuldade ao acesso as UBS está no preconceito advindo da população e dos próprios profissionais das unidades de saúde. Como consequência, essas mulheres acabam por desistir de comparecer aos serviços para usufruir de seus direitos de garantia à saúde. *Fico com vergonha, são muito olhares estranhos e fico achando que eles sabem da minha profissão* (Profissional VII). *Tenho vergonha, não chego no posto de boa, o povo fica olhando por causa das minhas roupas* (Profissional VIII). *Devia ter um dia só para as pessoas que trabalha nessa área, porque as pessoas que veem começam a olhar torto, achando que somos bichos* (Profissional XI).

No Brasil, os serviços de saúde, tanto públicos quanto privados, acabam por reproduzir comportamentos discriminatórios perante os usuários. Contudo, seu papel deve ser o de defender os direitos

humanos fundamentais e reduzir iniquidades em saúde, com vistas ao alcance da equidade (Bastos e Garcia 2015).

A postura do trabalhador em saúde, ao se colocar no lugar do usuário e perceber suas necessidades, é compreendida como uma das formas de acolhimento na medida em que atende e responde a essas demandas, tanto objetivas quanto subjetivas (Massignam et al. 2015).

Os profissionais de saúde que atuam nesse contexto são os responsáveis pelas ações de prevenção e promoção de saúde devendo estes superar através destas ações as barreiras dos tabus e preconceitos (Penha et al. 2012).

Na equipe de saúde da AB torna-se imprescindível que estes profissionais sejam capazes de manter uma assistência de qualidade e integral a todas as mulheres, incluindo as profissionais do sexo. Nesse sentido aponta-se que a atuação de maneira humanizada e holística baseada nas necessidades dos indivíduos assume um papel de grande relevância. Nesse tipo de assistência, não existe espaço para discriminação e nem para julgamentos morais (Moura et al. 2009; Neri et al. 2013; Acioli et al. 2014).

Essa forma de realizar a assistência em saúde deve ser estimulada desde a graduação, formando profissionais comprometidos com o cuidar. O ensino tem sido considerado uma parte fundamental do exercício destes profissionais sendo ainda um dos principais componentes para o desenvolvimento de um cuidar efetivo e qualificado, voltado as reais necessidades da população (Mattia et al. 2018).

Conclusão

O presente estudo permitiu esclarecer situações que emergem de um contexto sociocultural para as profissionais do sexo, intensificando a situação de um estigma social negativo. Diante do que foi exposto é possível perceber que as prostitutas ainda estão atreladas ao medo, a rejeição de sua família, ao preconceito, a violência física e psicológica e a vergonha. Aspectos como o uso de drogas, álcool e da falta de consciência dos clientes as expõem situações nocivas e preocupantes

para os serviços de saúde, capaz de repercutir no contexto individual e coletivo da população.

Espera-se, portanto, que esta pesquisa possa ter contribuído com o desvelamento da realidade em que se encontram as profissionais do sexo, da notória invisibilidade de sua profissão perante a saúde. É muito importante que os profissionais de saúde tenham conhecimento sobre estas mulheres em situação de prostituição, com conhecimento da realidade por elas vivenciada e dos direitos que lhes pertencem, assistindo-as com olhar holístico e integral. Por fim, esta pesquisa pretendeu estimular novas inquietações a comunidade científica e junto aos profissionais de saúde a fim de manter um acesso aos serviços de saúde livre de qualquer preconceito sobre temáticas diversas da sociedade, promovendo a concretização na qualidade da assistência, com base no respeito, ao direito de escolha de todos os cidadãos.

REFERÊNCIAS

- 1 – Penha JC, Aquino CBQ, Neri EAR, Reis TGO, Aquino PS, Pinheiro AKB. Risk factors for sexually transmitted diseases among sex workers in the interior of Piauí, Brazil. *Rev. gaúch. enferm.* [Internet]. 2015 Jun [cited Mar 20, 2018]; 36(2):63-69. Available from: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/52089/34186>
- 2 – Villa EA, Cândido MCRM, Siste LF. Health care for sex workers in Brazil: an integrative review. *J. nurs. health.* [Internet]. 2016 [cited Apr 10, 2018]; 1(1):92-102. Available from: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/6054/5332>
- 3 – Aquino OS, Ximenes LB, Pinheiro AKB. Public politics of health directed to the attention to the prostitute: brief historical rescue. *Enferm. foco (Brasília)*. [internet]. 2010 [cited Mar 5, 2018]; 1(1):18-22. Available from: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4/5>
- 4 – Araújo LB, Bandeira MCL, Silva TLCV. Luxury prostitution: gender, work and sociability in city of Belém. *Rev. Pegada* [Internet]. 2015 [cited Feb 23, 2018]; 16(2):364-377. Available from: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/3933/3297>
- 5 – Reis TGO, Penha JC, Neri EAR, Luz GOA, Aquino PS. Health education with prostitutes: an experience to couple of education. *Rev. enferm. UFPI*. [Internet]. 2014 Jul-Sep [cited May 07, 2018]; 3(3):46-52. Available from: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/1740/pdf>
- 6 – Leitão EF, Costa LLS, Brêda MZ, Albuquerque MCS, Jorge JS. Daily practices of health among sex workers. *Rev. bras. promoç. Saúde* [Internet]. 2012 Jul-Sep [cited Apr 05, 2018]; 25(3):295-304. Available from: <http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/2259/2487>

Itamara Barbosa Souza, Hulda Alves de Araújo Tenório, Everaldo de Lima Gomes Junior, Emilly Souza Marques, Amanda Lourenço dos Santos, Paulo Ciriaco Filho, Raíssa Fernanda Evangelista Pires dos Santos, Thyara Maia Brandão, Ewerton Amorim dos Santos, Esvaldo dos Santos Silva- **Assistência na atenção básica: uma percepção das profissionais do sexo**

- 7 – Burbulhan F, Guimarães RM, Bruns MAT. Money, affection and sexuality: the prostitutes' relationship with clients. *Psicol. estud.* [Internet]. 2012 Oct-Dec [cited Apr 10, 2018]; 17(4):669-677. Available from: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287126870013>
- 8 - Santos MA, Fanganelli ALS, Paparelli R, Oliveira F. Health intervention with sex workers. *Cad. psicol. soc. trab.* [Internet]. 2008 [cited May 22, 2018]; 11(1):101-110. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v11n1/a08v11n1.pdf>
- 9 – Passos ADC, Figueiredo JFC. Risk factors for sexually transmitted diseases in prostitutes and transvestites in Ribeirão Preto (SP), Brazil. *Rev. panam. salud pública* [Internet]. 2004 [cited May 17, 2018]; 16(2):95-101. Available from: https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S1020-49892004000800004&script=sci_arttext
- 10 – Cruz NL, Ferreira CL, Martins E, Souza M. The health care of female sex professionals: a narrative review. *Discip. Sci., Ser. Cienc. Saude* [Internet]. 2016 [cited Mar 09, 2018]; 17(3): 339-352. Available from: <https://periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumS/article/viewFile/2137/1929>
- 11 – Backes LTH, Mezzari A, Calil LN. Female population attended the sus and prevalence of cytological changes in cervical. *Extensio: Rev. Eletr. Exten.* [Internet]. 2016 [cite May 26, 2018]; 13(21): 56-67. Available from: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/viewFile/1807-0221.2016v13n22p56/31715>
- 12 – Penha JC, Cavalcanti SDC, Carvalho SB, Aquino PS, Galiza DDF, Pinheiro AKB. Characterization of physical violence experienced by prostitutes living inside the state of Piauí. *Rev. bras. enferm.* [Internet]. 2012 [cited Apr 10, 2018]; 65(6):984-990. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n6/a15v65n6.pdf>
- 13 – Moura ADA, Pinheiro AKB, Barroso MGT. Reality experienced and educational activities with prostitutes: basis for the nursing practice. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.* [Internet]. 2009 Jul-Sep [cited May 18, 2018]; 13(3):602-608. Available from: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127715325021>
- 14 – Aquino OS, Nicolau AIO, Pinheiro AKB. Performance of life activities of prostitutes in accordance with the nursing model of Roper, Logan and Tierney. *Rev. bras. enferm.* [Internet]. 2011 Jan-Feb [cited Apr 05, 2018]; 64(1):136-144. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n1/v64n1a20.pdf>
- 15 – Oliveira MW, Souza FR, Ferreira FC. Health and rights education project for sex workers. *Rev. APS.* [Internet]. 2006 Jan-Jun [cited Mar 23, 2018]; 9(1):89-93. Available from: <http://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/Projeto.pdf>
- 16 – Oltramari LC, Camargo BV. Social representations of 'sex workers' about the prevention of sexually transmitted diseases and contraception. *Psicol. teor. prá.* [Internet]. 2004 [cited Jun 13, 2018]; 9(2):317-323. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v6n2/v6n2a07.pdf>
- 17 – Moreira ICC, Monteiro CFS. Dealing with the phenomenological interview with prostitutes: experience report. *Rev. bras. enferm.* [Internet]. 2009 Sep-Oct [cited Apr 20, 2018]; 62(5):789-792. Available from: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019597025>
- 18 – Ferreira RM, Vasconcelos TB, Filho REM, Macena RHM. Health characteristics of female victims of domestic violence housed in a state care shelter. *Ciênc. Saúde Colet.*

Itamara Barbosa Souza, Hulda Alves de Araújo Tenório, Everaldo de Lima Gomes Junior, Emily Souza Marques, Amanda Lourenço dos Santos, Paulo Ciriaco Filho, Raíssa Fernanda Evangelista Pires dos Santos, Thyara Maia Brandão, Ewerton Amorim dos Santos, Esvaldo dos Santos Silva- **Assistência na atenção básica: uma percepção das profissionais do sexo**

[Internet]. 2016 [cited Apr 07, 2018]; 21(12):3937-3946. Available from: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2016.v21n12/3937-3946/pt>

19 – Neri EAR, Moura MSS, Penha JC, Reis TGO, Aquino PS, Pinheiro AKB. Prostitutes' knowledge, attitude and practice concerning the Papanicolaou test. *Texto & contexto enferm.* [Internet]. 2013 Jul-Sep [cited Feb 20, 2018]; 22(3):731-738. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n3/v22n3a20.pdf>

20 – Villela WV, Monteiro S. Gender, stigma and health: reflections on prostitution, abortion and HIV/AIDS among women. *Epidemiol. serv. saúde.* [Internet]. 2015 Jul-Sep [cited May 11, 2018]; 24(3):531-540. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ress/v24n3/2237-9622-ress-24-03-00531.pdf>

21 – Bastos JL, Garcia LP. Discrimination in health services. *Epidemiol. Serv. Saúde* (Online) [Internet]. 2015 Jul-Sep [cited May 12, 2018]; 24(3):351-352. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ress/v24n3/2237-9622-ress-24-03-00351.pdf>

22 – Massignam FM, Bastos JLD, Nedel FB. Discrimination and health: a problem of access. *Epidemiol. serv. saúde.* [Internet]. 2015 Jul-Sep [cited Mar 10, 2018]; 24(3):541-544. Available from: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/ress/v24n3/2237-9622-ress-24-03-00541.pdf

23 – Acioli S, Kebian LVA, Faria MGA, Ferraccioli P, Correa VAF. Care practices: the role of nurses in primary care. *Rev. enferm. UERJ.* [Internet]. 2014 Sep-Oct [cited Mar 15, 2018]; 22(5):637-642. Available from: <http://www.facenf.uerj.br/v22n5/v22n5a09.pdf>

24 – Mattia BJ, Kleba ME, Prado ML. Nursing training and professional practice: an integrative review of literature. *Rev. bras. enferm.* [Internet]. 2018 Oct [cited Feb 10, 2018]; 71(4):2157-68. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n4/pt_0034-7167-reben-71-04-2039.pdf